

Raízes do Brasil: um livro seminal

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do TRF da
5ª Região

É pacífico, no meio da crítica literária brasileira, o entendimento de que as três vertentes, ou melhor, os três livros que fizeram e escreveram a história de nossa literatura foram *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Júnior.

Com as vênias de estilo, eu ousaria requerer, em nome do discurso inovador e revolucionário da obra, a inscrição de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, no fechado e seletivo clube dos livros memoráveis. Dos textos épicos.

Assim, de fato, com a inclusão da obra de Guimarães Rosa, está formado “o quadrado mágico”, das letras pátrias, no campo de nossa formação cultural.

Hoje, por tudo isso, o meu modesto ensaio versa sobre um livro monumental, chamado – *Raízes do Brasil* – que completa, no corrente ano de 2006 – 70 anos do seu lançamento, escrito que foi, pelo múltiplo e polivalente Sérgio Buarque de Holanda, que soube ser, com engenho e arte, antropólogo, sociólogo, historiador, ensaísta e jornalista.

Inquestionavelmente, um exemplar modelo do homem de sete instrumentos.

Quando escreveu o seu ensaio, Sérgio Buarque de Holanda, com arguto olhar na formação da raça, dos costumes e da vida do brasileiro, desenhou o verdadeiro retrato do povo brasileiro, no seu nascedouro.

Fê-lo, pois, com preocupação de promover uma radiografia do caráter nacional, apontando a cordialidade como a grande marca do homem nascido no Brasil.

Diferentemente da visão crítica de Paulo Prado, um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna, quando, escrevendo *Retrato do Brasil*, optou por traçar o outro lado da psicologia do brasileiro, definindo-o como um homem propenso à tristeza e à solidão, talvez resquício da presença africana.

Bóris Fausto, por exemplo, vê, mais abrangente, o conteúdo do ensaio de Sérgio Buarque de Holanda, quando, apontando a atualidade de *Raízes do Brasil*, lembra que o livro faz “a defesa da democracia, numa época em que não era charme ser democrata”.

Com este artigo, o colunista registra os 70 anos da publicação da ciclópica obra de Sérgio Buarque de Holanda, convidando a todos a visitar o texto, relendo-o, atados a uma verdade saída da boca de Riobaldo, o caboclo-narrador de *Grande sertão: veredas*, quando filosofa, lembrando que “vivendo, se aprende; mas, o que se aprende, mais, é só a fazer perguntas”.

O livro, que faz 70 anos, responde.